

GRIGORY SOKOLOV

LISBOA - AUDITORIO GULBENKIAN

NOVEMBER 2, 2009

Sokolov, o supremo pianista

★★★★★

O pianista russo Grigory Sokolov tornou-se um fenómeno de culto, o que não é de estranhar pois trata-se de um artista fora se série. Nos últimos anos temos tido o privilégio de o ouvir assiduamente em Portugal em recitais que esgotam rapidamente e que, invariavelmente, são seguidos por uma longa sucessão de *encores* (por vezes cinco ou seis!), tão ou mais empolgantes que o concerto.

O público já conhece a generosidade do pianista e a sua energia inesgotável, contrastante com o seu porte austero, e não arreda pé antes de conseguir o bônus. Numa época em que o marketing e a imagem quase tudo comandam, o culto em torno de Sokolov foi-se construindo de forma saudável apenas a partir da própria música e das suas qualidades superiores como intérprete, já que este nem sequer tem atrás de si uma grande máquina publicitária ou uma multinacional do disco a fazer pressão junto do mercado.

Na sua última actuação na Gulbenkian, Sokolov surpreendeu-nos mais uma vez num programa constituído pela Sonata em Ré Maior, D. 850, de Schubert, e pela Sonata em Fã menor, op. 14 (*Concerto sem Orquestra*), de Schumann. Um dos traços distintivos da sua abordagem do instrumento reside na forma como trabalha até ao limite último os diferentes parâmetros pianísticos e os enquadra numa visão própria, mas coerente, das obras. No Allegro inicial da Sonata de Schubert, o tema rítmico principal foi apresentado com uma incisividade quase violenta em contraste com os motivos secundários mais melódiosos, conferindo uma dimensão imponente plena de

fortes contrastes a uma página que por vezes é tratada de forma mais superficial e jovial. Também no Scherzo, Sokolov deu menos ênfase à dimensão brincalhona inerente à tradição deste género musical, preferindo antes construir uma intensa progressão dramática que teve o seu ponto alto no Trio, cuja dimensão quase trágica se pode justificar pelas sombrias e audaciosas harmonias desta secção da partitura. Já o Rondó final foi um primor de delicadeza e graciosidade, com uma nobre inspiração lírica e meticulosas gradações dinâmicas.

Escusado será dizer que Sokolov faz o que quer do piano, conseguindo variar consideravelmente o seu timbre e enunciar cada linha e cada plano da textura musical com uma cor e uma identidade próprias. Possui também uma paleta dinâmica extensíssima e um sentido da polifonia e da harmonia exemplares. Mesmo se neste recital foi ligeiramente menos perfeito no desempenho do que noutras passagens por Lisboa, estas e outras qualidades estiveram sempre presentes num

PROGRAMME

F. SCHUBERT
Sonata op. 53 D. 850

R. SCHUMANN
Sonata in f minor op. 14

Manchete, 4.11.09

elevadíssimo nível, contribuindo para uma interpretação esmagadora da Sonata op. 14, de Schumann. Verdadeiro *tour de force* para o instrumentista que atinge o auge no *Prestissimo possibile* final, esta obra relativamente pouco conhecida de Schumann é também um imenso desafio intelectual e exige que o piano se transforme numa grande orquestra, o que Sokolov realizou admiravelmente.

O entusiasmo do público conduziu à habitual sessão se *encores* (desta vez foram seis!), onde o pianista nos ofereceu magníficas visões de alguns Prelúdios de Chopin, entre os quais páginas tão virtuosísticas e incandescentes como o n.º 8 ou a beleza imponderável do n.º 15, cujo tempo dilatado nos fez usufruir a magia de cada harmonia. Não podia faltar também uma peça barroca, outra imagem de marca de Sokolov: em *Les Sauvages*, de Rameau, a técnica e o estilo transfiguraram-se, quase fazendo soar o piano moderno como um cravo setecentista.

Cristina Fernandes